

## **Corpos que ensinam: gordofobia, educação e humanidades<sup>1</sup>**

### **Bodies that teaches: fatphobia, education and humanities**

Lysia da Silva Almeida<sup>2</sup>

**Resumo:** Os corpos estão inscritos por marcas da cultura – e essas marcas produzem lutas. Esse trabalho pretende enfatizar que o corpo gordo se tornou alvo do saber médico, por meio da patologização, como efeito das estratégias disciplinares e biopolíticas; e que por esse e outros motivos os regimes de verdade da sociedade contemporânea desumanizam pessoas gordas. O preconceito social contra gordos impulsiona uma cultura da dieta, que já tem chegado às escolas e trazido consequências. Portanto, defende que a educação tem um compromisso político de tratar da gordofobia. Afirma a temática do corpo como uma potência educativa a ser abordada em espaços de ensino, sobretudo na área de humanidades.

**Palavras-chave:** Gordofobia; Cultura da dieta; Educação.

**Abstract:** The bodies are inscribed by cultural marks – and these marks produce fights. This work intends to emphasize that the fat body has become the target of medical knowledge, through pathologization, as an effect of disciplinary and biopolitical strategies; for this and other reasons the contemporary society's regime of truth dehumanize fat people. Social prejudice against fat people drives a diet culture, which has already reached schools and brought consequences. Therefore, it defends that education has a political commitment to deal with fatphobia. The body studies are an educational power to be addressed in teaching spaces, especially in the humanities field.

**Keyword:** Fatphobia; Diet culture; Education.

O corpo é um sujeito e objeto histórico. A partir do historiador Durval Muniz de Albuquerque Junior (2007) podemos compreender que os sujeitos históricos não têm essência, eles se fazem sujeitos no momento em que atuam na relação e, portanto, não estão prontos no início da ação, não têm um sentido dado a priori. Nesse sentido, cada discurso que recai sobre os sujeitos e objetos é uma dobra de enunciações que os instituem (ALBUQUERQUE-JÚNIOR, 2007).

Assim entendemos que os sujeitos e objetos são produzidos nas relações sociais. Em se tratando do corpo, Guacira Lopes Louro (2000) mostra que durante tais relações ele ganha marcas, ou seja, ganha as características de distinção entre os corpos. Isso significa que cada sociedade, em seu tempo histórico, elege determinadas partes do corpo como relevantes para conferir

---

<sup>1</sup> Esse texto é fruto de uma comunicação oral apresentada na Semana de História realizada na Universidade Federal do Espírito Santo em outubro de 2019.

<sup>2</sup> Licenciada em História (UFES) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH/IFES) na linha de Práticas Educativas. Contato: lysiaalmeida@gmail.com.

inteligibilidade aos indivíduos. Nossa sociedade, por exemplo, diz que a vagina, o pênis e a cor da pele são partes corpóreas tão importantes que definem verdades sobre o sujeito, de modo que a partir desses traços a identidade e também a diferença são construídas. Com base nisso Louro questiona os motivos de serem essas as características fundamentais para nós, e não outras, como o tamanho das orelhas ou o formato das mãos, por exemplo. Podemos ver notadamente que são as relações de poder que engendram algumas características nos corpos, colocando-as com mais valor do que outras.

Além disso, sabendo que os significados atribuídos aos corpos estão localizados no tempo e espaço, isto é, que outras sociedades, em outros períodos e contextos, tiveram olhares diferentes sobre o corpo, compreendemos que a interpretação sobre as características físicas não é imutável. Nesse seguimento Louro (2000) diz:

Por todas essas razões, seria pertinente, antes de tudo, indagar sobre os significados que, neste momento e nesta cultura, estão sendo atribuídos a uma dada aparência corporal; seria importante indagar sobre os processos históricos e culturais que possibilitaram que determinadas características se tomassem tão especiais; sobre os processos que permitiram, finalmente, que certas características passassem a “valer mais” do que outras. Porque, no fundo, é disso que se trata: não é possível ignorar que no processo de atribuição de identidades (e, ao mesmo tempo, de atribuição de diferenças) está em ação um jogo de poder. As identidades, constituídas no contexto da cultura, produzem-se em meio a disputas, supõem classificações, ordenamentos, hierarquias; elas estão sempre implicadas num processo de diferenciação (p. 62).

Os corpos são inscritos por marcas da cultura, marcas que falam dos sujeitos – há a necessidade de compreender a verdade do outro: saber o gênero, a raça, a sexualidade, acessar uma identidade (LOURO, 2000). Todavia essas marcas se transformam ao longo do tempo e por isso o corpo não está fechado e acabado em um entendimento restrito. O que nos interessa a partir disso é questionar determinados valores impostos ao corpo que, na nossa perspectiva, têm se amparado em violências.

Portanto, aqui questionamos os significados que a cultura ocidental contemporânea tem atribuído aos corpos gordos, compreendendo que houve um processo histórico por meio do qual essa característica se tornou uma preocupação de diversas áreas do saber (científico e popular), como a medicina e a educação, por exemplo. O corpo gordo, tomado como alvo desses saberes, se configura como um campo discursivo em disputa; e diante das forças que tentam patologizá-lo, repreendê-lo e adéqua-lo, afirmamos outros olhares e possibilidades de viver esse corpo.

Diante disso, é importante anunciar que “como qualquer forma de opressão sistemática, a gordofobia é fortemente arraigada em estruturas complexas como o capitalismo, o patriarcado

e o racismo” (DRINKWATER, 2016, n.p., tradução nossa<sup>3</sup>). No entanto, atualmente a onda da positividade corporal tem ganhado evidência em torno de pautas como a auto aceitação e o amor próprio. Em programas populares na televisão, revistas famosas e canais do *Youtube*, são muitas chamadas às mulheres, em especial, a fazerem as pazes com o corpo e pararem de se odiar, o que dá a sensação de que o tema gordofobia tem alcançado a grande mídia.

Contudo, há uma operação confusa nos meios de comunicação quando se trata do assunto corpo. “É possível que as revistas de moda atuais tragam um artigo sobre os perigos da anorexia ao mesmo tempo que bombardeiam leitores com imagens de corpos jovens amaciados representando o máximo da beleza e da desejabilidade” (HOOKS, 2018, p. 61). Essa é uma expressão de como o capitalismo se apropria de pautas sociais e subverte seus significados.

Nesse sentido, Virgie Tovar (2018) tece uma dura crítica ao esvaziamento político que os movimentos de positividade corporal fazem com as discussões do ativismo gordo, argumentando que eles se preocupam muito mais com questões individuais e acabam por diluir a luta antigordofobia, que é complexa e está em busca de uma transformação radical da sociedade. Assim, o compromisso da luta gorda em questionar a desumanização imposta a determinados corpos se torna secundário diante do discurso limitado sobre auto aceitação. Sob essa perspectiva, Tovar (2018) demarca que a luta antigordofobia é engajada, politizada e coletiva.

Diante disso, cabe dizer que a gordofobia é um problema social – o problema social que nega direitos básicos a pessoas gordas, as inferioriza e as desumaniza. Viviane Castro Camozzato (2011), analisando discursos de ódio direcionados a mulheres gordas em espaços virtuais, evidencia uma construção discursiva violenta que coloca as pessoas gordas como uma raça não-humana, inferior e que merece a morte em prol de uma limpeza social. Segundo as pesquisas da autora, há um desejo pela aniquilação simbólica e real desse grupo.

Além disso, estamos diante de operações de linguagem que colocam as pessoas gordas como alvos de um combate simbólico, “[...] já que não existe a obesidade em si, somente sujeitos classificados como obesos. Só é possível combater um mal se ele estiver encarnado em alguém, que será enfrentado como inimigo” (RIGO; SANTOLIN, 2012, n.p.). Assim,

O preconceito e a discriminação (velada e/ou explícita) aparecem também na linguagem jurídica que predomina na legislação brasileira sobre o tema, como evidencia o uso recorrente da expressão "combate à obesidade", conceito que

---

<sup>3</sup> No original: “like any form of systematic oppression, fatphobia is strongly rooted in complex structures like as capitalism, patriarchy, and racism”.

em nossa sociedade possui uma tradição de ser utilizado em campanhas públicas como: "combate ao crime organizado"; "combate à corrupção"; "combate ao tráfico de drogas"; "combate à prostituição infantil"; "combate à pedofilia", etc.

As tentativas de destruição da população gorda ocorrem por muitas tecnologias que recaem sobre esses corpos, algumas que trazem realmente a morte física, como os processos de medicalização, as intervenções cirúrgicas pressionadas pela sociedade e os muitos casos de suicídio (LIRA, 2019). Isso faz com que corpos gordos “[...] se tornem abjetos, desimportantes, invisibilizados na cultura [...] que seleciona quais corpos têm seus direitos assegurados para atuar no espaço público, abrindo-se espaços para a disseminação do ódio, da violência e do desprezo [...]” (FRUETT, ZAGO, 2017, p. 4).

Diante disso, dentro do movimento gordo articulado, diferente do que acontece com o movimento *body positive*, preocupa-se com diversas pautas políticas complexas, e uma delas é o direito à saúde. A postura preconceituosa dos profissionais dessa área impede o acesso democrático aos serviços, e como indica Carol Gomes (2019), a internet está repleta de relatos sobre condições graves que não foram devidamente examinadas e tratadas porque os médicos apenas recomendavam o emagrecimento, paradoxalmente negligenciando a saúde das pessoas gordas. Entendemos, assim, que as situações de gordofobia moldam o olhar social sobre as pessoas gordas e causam impactos em sua saúde mental:

Pessoas gordas sentem mais ansiedade no dia a dia. Sentimos os efeitos de algo chamado “estresse de minorias” – as consequências negativas da discriminação, da crueldade e do ostracismo social para o corpo, ao longo da vida. Esse estresse pode levar à supressão imunológica, diminuição da expectativa de vida e riscos à saúde cardíaca - não é coincidência que a indústria médica atribua algumas dessas mesmas ocorrências à gordura (TOVAR, 2018, n.p.).

Ainda que na atualidade exista uma série de estudos que enquadram a gordura em um local fixo de doença, é necessário além de um olhar crítico, reconhecer que a área da saúde, como qualquer outra, está permeada por debates de diferentes perspectivas – algumas delas que inclusive questionam essa máxima (GAMA; AZIZE, 2019).

Nesse sentido, Cristiane Seixas e Joel Birman (2012, p. 23) escancaram que “a produção científica sobre a obesidade e a crítica popular são uma mistura complexa de incertezas científicas e concepções familiares, morais e ideológicas”, e que os estudos sobre a chamada obesidade de modo geral não consideram aspectos sociais e culturais, além de presumirem que as pessoas gordas querem mudar de corpo ou de estilo de vida. Desse modo, “é considerando que a vida escapa continuamente às técnicas de dominação e gerenciamento

do saber-poder que devemos ler as tentativas [...] de resistência à concepção predominante que toma a priori a obesidade como uma doença a ser curada” (SEIXAS, BIRMAN, 2012, p. 23).

Em tempos de descrença em relação à cientificidade é necessário reafirmar seu lugar de incontestável contribuição social. Mas também é importante compreender que não há nenhuma ciência neutra e imparcial, porque toda produção científica é reflexo de valores culturais e está perpassada por relações de poder. Além disso a ciência é uma produtora de verdades e os discursos científicos são necessariamente envoltos por uma série de fatores complexos. Portanto os estudos que colocam as pessoas gordas como doentes são passíveis de ter os métodos, análises e resultados questionados e reformulados a partir de muitos tensionamentos, sobretudo se observados à luz das ciências humanas e sociais.

### **Os regimes de verdade sobre o corpo gordo**

Em sua obra, o filósofo Michel Foucault pensou sobre as relações de poder e especialmente a maneira como os dispositivos de poder passaram a incidir sobre os corpos e a vida. O autor expressa que o poder, em seu caráter relacional, conduz as condutas e produz modos de vida. Seguindo essa perspectiva, os dispositivos de poder não são fixos, e ao contrário, se atualizam e acompanham as transformações sociais.

Foucault mostra então que há uma técnica de poder que visa o corpo: adentra, regula, aumenta a força útil e diminui a potência política; essa técnica dociliza os corpos e é nomeada de disciplina (FOUCAULT, 1988). Para além da atuação disciplinar sobre o corpo, desde pelo menos o século 18, as sociedades ocidentais passaram por uma virada biopolítica onde o gerenciamento da própria vida entra em jogo, e não apenas individualmente, mas sim regulamentando a população humana enquanto espécie (MAÇÃO, 2016a). A partir disso, o corpo coletivo se torna um alvo e o corpo vivo se transforma em mercadoria, porque “[...] foi no somático, no corporal, que investiu a sociedade capitalista. O corpo passou a ser uma realidade biopolítica que fez de todos nós suportes biológicos do poder” (MAÇÃO, 2016b, n.p.). Isso nos interessa porque, segundo Maria Rita de Assis César (2009),

[...] os regimes de verdade contemporâneos permanecem imersos em uma cultura somática, em vista da qual os corpos ganham visibilidade e inteligibilidade em função de sua materialidade física mais primária, como o volume, a forma e a superfície. Nessa perspectiva somática, o alvo das estratégias de controle e de produção subjetiva é ainda o corpo, como também já o era na modernidade disciplinar. No entanto, o corpo contemporâneo é ainda mais plástico e maleável, pois a ele se destina um número quase infinito de intervenções visando produzi-lo como mais jovem, mais magro, mais flexível, mais leve, mais ágil, mais versátil e mais rápido (p. 269).

Portanto, o corpo na biopolítica passa cada vez mais a se adequar às normas científicas e estéticas, em um desejo obsessivo por saúde e pela beleza do espetáculo, e tudo isso realizado voluntariamente. Nesse sentido, Petert Pelbart (2008) argumenta que “hoje, o eu é o corpo. A subjetividade foi reduzida ao corpo, à sua aparência, à sua imagem, à sua performance, à sua saúde, à sua longevidade” (2008, p. 5). É evidente que nesse contexto os corpos gordos são enquadrados e, sob esse entendimento, César (2009) completa:

Agora, em grande medida a decisão de ser magro ou gordo é uma decisão subjetiva e individual; todavia, se a decisão correta não for tomada todos serão punidos, pois a saúde se deteriora e os gastos com a saúde pública serão inúmeros, etc. Assim, a decisão individual que diz sobre o caráter, a força de vontade, a preguiça, a indolência e a incapacidade de resistir a uma comida repleta de gordura, diz também a verdade do sujeito, sobre o qual intervém políticas públicas e enunciados mercadológicos diversos (p. 274).

Dessa forma, a estratégia de culpabilizar os indivíduos por serem gordos está vinculada à propagação de determinado discurso médico na sociedade, o qual pretende “[...] considerar a obesidade como um problema individual, ao invés de social, conjectural ou mesmo histórico-cultural. Esse discurso que atrela a obesidade apenas a um problema individual ajuda a retirar a responsabilidade do Estado [...]” (RIGO; SANTOLIN, 2012, n.p.). Sob esse prisma, afirmamos que a patologização da chamada obesidade é um efeito da biopolítica:

Se o biopoder, diferentemente do poder disciplinar, se preocupa com as populações e não mais com os corpos individualizados, é pertinente pensar que além de diversos mecanismos reguladores citados por Foucault (controle da natalidade, controle da fecundidade, controle do meio geográfico, controle do meio hidrográfico, controle das cidades, higiene e saúde pública, etc.) também há, a partir do século XX, o controle da massa corporal. Daí o combate a obesidade ter se tornado uma biopolítica (MATTOS, 2007, p. 164).

À vista disso, o saber médico produz um regime de verdade sobre o corpo, impõe limites a ele e define o que é sadio ou não. O corpo gordo é colocado arbitrariamente em um lugar de adoecimento e também de perigo biológico aos outros corpos. Por isso atuam nos corpos uma série de mecanismos que buscam reverter a condição de gordura – e as ações médicas agem no corpo gordo individualmente mas também sobre o coletivo: a população que não é gorda deve a todo custo evitar esse estado.

Isto posto, o médico e pesquisador Benilton Bezerra Júnior (2006) problematiza a fronteira entre o normal e o patológico, expondo como são as demarcações sociais que definem o que é aceito ou recusado em tais categorias. Desse modo, o autor alerta que profissionais de saúde acabam reproduzindo conceitos do imaginário social e legitimando processos de patologização e medicalização do normal. Seu texto enfatiza que apesar de lançar mão dos elementos epistêmicos, aparatos tecnológicos, dados amparados em saberes científicos e técnicos, a prática da medicina não é puramente objetiva, porque está fincada em propósitos éticos, ou seja, ela é organizada em torno de valores:

Na chamada “sociedade do risco” é a própria fronteira demarcando um campo da saúde e um campo da patologia que vai se tornando nebulosa. Com o uso crescente de tecnologias de informação e processamento de dados, muda consideravelmente o escopo da ação médica, que já não se restringe apenas à prevenção de algumas doenças e ao tratamento das demais. É possível calcular *riscos* atuais de eventos patológicos futuros, ou seja, a medicina tem a seu encargo não apenas doenças reais ou previsíveis, mas probabilidades de grau variado, o que torna mais difícil ainda estabelecer o limite adequado para sua intervenção. Praticamente todos podemos, o tempo todo, ser alocados em alguma faixa de risco. A ideologia da saúde perfeita na cultura somática atual vem produzindo, ainda, ideias de *performance* física e mental que transformam em patologia praticamente tudo que impeça o indivíduo de atingir as suas exigências (BEZERRA JÚNIOR, 2006, p. 94, grifos do autor).

Dessa maneira, “a ideia do risco para a saúde e para o corpo torna-se central na contemporaneidade, tomando contornos biopolíticos fundamentais” (CÉSAR, 2009, p. 273). Ou seja, o apelo ao risco de adoecer, ao risco de contaminar, ao risco de oferecer despesas ao Estado são utilizados contra a população gorda. Com isso, a atual percepção internalizada dos profissionais de saúde sobre o corpo gordo faz com que o assunto obesidade seja frequentemente discutido pela via do pânico moral (FABELLO, 2015).

Dessa maneira, o tempo todo na nossa sociedade se repete a ideia de que o corpo gordo é inadequado não só por causa das questões estéticas e de saúde, mas também porque representa um peso econômico ao Estado. Responsabilizar o sujeito gordo pelos gastos estatais indica que já é tomado como certeza seu adoecimento, em um discurso totalitário e fascista de culpabilização (PALMA *et al* 2012). Esse corpo é tido como um risco constante de adoecer e uma ameaça de desperdício do dinheiro público. É um perigo social porque transgride a normalidade.

Ademais, os autores Luiz Rigo e César Santolin (2012) voltaram o olhar para o medievo europeu e observaram que já naquele contexto as pessoas gordas eram condenadas socialmente apenas sob aspectos estéticos e morais, com poucas evidências científicas. Segundo eles, é só a partir do século 19 que emergiu dentro do discurso médico a transformação dessa condição em

uma patologia, e no entanto, apenas no século 20 se mudou em definitivo o status das pessoas obesas para doentes, por conta justamente de estudos epidemiológicos que popularizaram o conceito de risco:

A incitação do medo provocada pelo conceito de risco associado a uma noção moral, puramente abstrata, de qualidade e expectativa de vida ajuda a forjar no corpo social a verdade de que os obesos não somente são doentes, mas que eles têm a obrigação de emagrecer, inclusive pelos prejuízos que, supostamente, acarretariam aos cofres públicos (RIGO; SANTOLIN, 2012, n.p.).

Ainda que não se deva “[...] definir a saúde ou a doença em termos estritamente factuais ou objetivos” (BEZERRA JÚNIOR, 2006, p. 94), a noção de que pessoas gordas necessariamente são doentes permanece até a atualidade, e de certa forma, isso é legitimado pelo cálculo do IMC<sup>4</sup>. Ele é utilizado amplamente pelas autoridades da saúde de modo a classificar o peso dos indivíduos mas é considerado por alguns setores da comunidade acadêmica<sup>5</sup> simplista e abrangente, porque não dá conta de compreender as especificidades de cada pessoa. Outrossim,

Na verdade, muitas designações médicas são arbitrárias. Vale notar que, em 1998, profissionais da medicina, sob a direção do National Heart, Lung and Blood Institute, baixaram o IMC de corpos “normais” para menos de 25 e, ao fazê-lo, dobraram o número de americanos obesos. Um de seus motivos para baixar: “Um número redondo como 25 seria fácil para que as pessoas memorizassem” (GAY, 2017, p. 17).

Diante disso, não por acaso um dos discursos sobre corpos gordos que mais ecoam na sociedade ocidental afirma que “[...] ser gordo é uma aflição que põe a vida em perigo, e que as pessoas gordas devem ser evitadas porque são vetores de doença e morte. Agora mesmo, nossa cultura iguala o sobrepeso à mortalidade e a problemas de saúde [...]” (TOVAR, 2018, n.p.). A gordofobia é uma estratégia de controlar o tamanho de todos os corpos porque ou se é alvo desse preconceito ou possui o medo de se tornar alvo dele.

### **A cultura da dieta, a educação e a produção do corpo “saudável”**

Se já na Idade Média ocidental os tratamentos recomendados para reverter o chamado estado de corpulência excessiva eram amparados no punitivismo, enraizado na lógica cristã do sacrifício e das penitências (RIGO; SANTOLIN, 2015), o mundo contemporâneo não se

<sup>4</sup> Índice de massa corpórea: fórmula matemática (peso em quilograma dividido pela altura em metros ao quadrado) que busca informar o chamado “peso ideal”.

<sup>5</sup> Entre muitos profissionais da saúde e acadêmicos, no Brasil destaca-se a nutricionista Paola Altheia, que se dedica a debater transtornos alimentares na internet por meio da página no *Facebook* “Não Sou Exposição”. Em 2018, lançou um livro sobre a temática que leva o mesmo nome da página.

distancia muito disso. Hoje vivemos a chamada cultura da dieta (TOVAR, 2018) – uma expressão da gordofobia que atinge toda população, inclusive as pessoas não-gordas.

Virgie Tovar (2018, n.p.) ousadamente afirma que a obsessão pelas dietas esconde um “femicídio assistido”. Isso quer dizer que o ideal da magreza já está tão internalizado pela nossa cultura que muitas pessoas, especialmente mulheres (e cada vez mais jovens), têm literalmente dado a vida para se enquadrar nesse modelo. Nesse sentido, as dietas têm uma relação íntima com a opressão feminina: “O *gaslighting*<sup>6</sup> aparece muito na cultura da dieta.” (TOVAR, 2018, n.p.). O tempo todo, seguindo a lógica das restrições alimentares, devemos questionar os próprios desejos e vontades, colocamos em dúvida a percepção de nós mesmos, contestamos a própria fome e tentamos inclusive “enganar” o corpo, como se isso fosse possível.

Naomi Wolf (1992), sob perspectiva semelhante, argumenta que no tempo hodierno a alimentação tomou o lugar que o sexo teve no passado, mostrando que as mulheres em outras épocas se preocupavam com a sexualidade do mesmo modo que hoje se preocupam com o peso. Para a autora, essa repressão ao apetite oral – e outrora a repressão ao apetite sexual – provoca tanta ansiedade e ocupa a vida íntima das mulheres que as questões políticas ficam em segundo plano: “O hábito da dieta é o mais possante sedativo político na história feminina. Uma população tranquilamente alucinada é mais dócil” (WOLF, 1992, p. 248). Portanto,

Nas sociedades contemporâneas, a comida ocupa o lugar da sexualidade como fonte potencial de ansiedade e patologia. O tabu que se colocava sobre a sexualidade desloca-se agora para o açúcar, as gorduras e as taxas de colesterol. Os tabus passaram da cama para a mesa. O glutão sente-se, com frequência, mais culpado que o adúltero (ORTEGA, 2008, p. 41).

Nesse contexto, Melissa Fabello (2016) aponta que a indústria da dieta se autolegitima, argumentando que apesar de ser um setor econômico extremamente lucrativo, o ramo do emagrecimento (que envolve cirurgias, academias, livros, palestras, medicamentos, shakes, roupas de ginásticas, produtos alimentícios específicos, etc.) não tem sucesso em se tratando da eficácia dos produtos. Vende ideais de saúde e perda de peso rápida, mas “[...] se baseia em consumidores reincidentes. E tudo isso se resume em: eles ganham dinheiro *porque* seus produtos falham.” (FABELLO, 2015, n.p, grifos da autora, tradução nossa<sup>7</sup>).

---

<sup>6</sup> Esse é um termo em inglês que expressa um tipo de abuso psicológico onde o abusador conduz a vítima a questionar a si mesma distorcendo ou inventando informações para que duvide de sua sanidade.

<sup>7</sup> Texto original: “[...] they depend on repeat consumers. What that boils down to is: They make money *because* their products fail.”

Diante disso, é interessante notar que o sistema das dietas se baseia em algo que está no cerne das crenças estadunidense: a meritocracia<sup>8</sup>. Virgie Tovar (2018) explica essa ideia dizendo que, ao longo da vida, o indivíduo é incentivado pelo mercado a acreditar que consegue modificar seu corpo pelo esforço próprio. No entanto, o ramo do emagrecimento frequentemente falha em cumprir o que promete, mas diferente do que acontece em outros setores econômicos, nessa área a culpa é sempre do consumidor e nunca do produto oferecido. Se alguém se rende a tal indústria mas não consegue emagrecer acaba por acreditar que é sua a responsabilidade do fracasso. A retórica é de que o indivíduo não se esforçou o suficiente (TOVAR, 2018).

Podemos afirmar que essa cultura da dieta tem invadido as escolas. Maria Rita de Assis César (2009, p. 270), ao pensar os currículos escolares no contexto biopolítico, fala de uma “pedagogia da boa forma, além de uma biopolítica da saúde e uma educação para a alimentação saudável”. As instituições escolares estão tomadas pela preocupação com o corpo, em torná-lo e mantê-lo magro, o que segundo a autora, reforça nos corpos infantis “hierarquias, separações e, sobretudo, novos mecanismos de exclusão [...] entre os corpos gordos e magros, saudáveis e doentes, normais e anormais.”

Ainda de acordo com a autora, as pedagogias higienistas dos séculos 19 e 20 introduziram ações de medir e pesar os corpos na escola, e naquele contexto as ideias científicas estavam atreladas à produção do corpo dito saudável, ou seja, entre outras coisas, havia uma preocupação com a obesidade. Os reflexos disso ainda aparecem na atualidade e os programas educacionais hoje operam a “[...] pedagogia do *fitness*, tomam as medidas corporais de crianças e jovens no interior da escola e instauram o dispositivo do ‘novo higienismo’ [...]” (CÉSAR, 2009, p. 274).

Redefinimos os novos parâmetros relativos à magreza e à saúde, esse “neo-higienismo” será a tônica dos programas escolares contra a obesidade infantil. Na escola, tomam-se agora medidas de cintura, abdome, coxas, peitoral, calcula-se o IMC e se realiza a temível equação sobre a circunferência abdominal, de maneira idêntica àquela operada por academias de ginástica, consultórios médicos e de nutricionistas (CÉSAR, 2009, p. 275).

César (2009, p. 275) informa que o aparato biopolítico atinge os espaços educativos e age por meio de políticas públicas que visam “o controle de medidas, em nome da saúde física e moral da população escolar”. Um exemplo da luta contra a obesidade na escola é a apropriação dos discursos médicos pelo meio jurídico. Entre as leis que visam combater a obesidade, muitas estão direcionadas para as instituições de ensino:

---

<sup>8</sup> O termo que Virgie Tovar utiliza é *bootstrapping*. Diz assim: “A ideia por trás do *bootstrapping* é que, com determinação e dedicação, é possível atingir qualquer que seja seu objetivo. Este é um dos principais pilares da estética e ideologia americanas” (TOVAR, 2018, n.p.).

As avaliações e diagnósticos, assim como as intervenções, deverão ocorrer em período de aula e o objetivo seria conscientizar (orientar) sobre os "males" provocados pela obesidade infantil, suas causas, consequências e formas de evitá-la e tratá-la. [...] as ações visam diagnosticar, classificar e encaminhar os alunos para o tratamento (RIGO, SANTOLIN, 2012, n.p.).

No entanto, muito mais do que uma ação escolar que visa disciplinar os corpos, nas operações atuais as próprias crianças se autorregulam em um autoexame da consciência e das práticas, e regulam também umas às outras, se tornam propagadoras da saúde, a expressão máxima das “novas figuras biopolíticas do empreendedorismo neoliberal de si mesmo, centrado na produção de si enquanto produção de um corpo magro” (CÉSAR, 2009, p. 275).

Nicole Guaita (2009), nessa mesma compreensão, demonstra que a obesidade é apresentada como uma terrível inimiga da sociedade e por isso há uma cruzada físico-sanitária contra ela – que se expressa como uma regulação da vida e um governo dos corpos. Assim, todos devem conhecer as calorias de cada alimento, e com o acesso a essa informação o indivíduo se torna responsável por fazer as escolhas corretas, de modo que a sociedade não admite desvios. As crianças, incluídas nisso, são encarregadas também de ensinar a família, e por conseguinte toda a população, como se alimentar corretamente e se exercitar (GUAITA, 2009).

A cobrança aos estudantes por um corpo encaixado no padrão, sob a justificativa da saúde e do apelo contra à obesidade infantil, gera, evidentemente, inúmeras situações de *bullying* com as crianças e adolescentes que não correspondem a essa expectativa:

Muitas pesquisas americanas, realizadas desde os anos 60, trataram da maneira como as crianças obesas eram espontaneamente percebidas por seus pares ou pelos adultos. Numa delas, por exemplo, mostrou-se a meninos de seis a dez anos silhuetas de crianças magras ou obesas. As silhuetas obesas atraíram uniformemente apreciações bem negativas (trapaceiro, preguiçoso, sujo, mau, feio, besta, etc.). Já as silhuetas esguias eram uniformemente julgadas de forma positiva (FISCHLER, 2005, p. 70).

Algumas vezes a violência na escola (e fora dela) acontece por conta das relações ente a gordofobia e as questões de gênero. Isso se expressa no fato de que com frequência pessoas gordas são colocadas no limiar entre a masculinidade e a feminilidade. “O sobrepeso desafia a obsessão cultural com a diferenciação sexual, o gênero binário [...]” (TOVAR, 2018, n.p.). A leitura de gênero fica mais nebulosa quando mulheres têm corpos grandes e robustos, o que pode representar força e brutalidade – e isso está muito distante do ideal branco de feminilidade, doce e delicada. Entre os meninos e homens cisgênero gordos não é diferente, há um enorme receio de possuir peitos grandes ou ter seu pênis escondido pela gordura, e posto que ser gordo é visto como uma “[...] escolha individual no discurso cultural popular, é um tabu para um

homem optar por uma apresentação de gênero mais feminina, já que a feminilidade é degradada pela misoginia” (TOVAR, 2018, n.p.).

O que apresentamos aqui indica que pessoas gordas são encaradas como uma anomalia a ser erradicada e os efeitos disso em idade escolar são angustiantes, porque esse discurso os põe como os novos maus alunos, os outros, os indisciplinados, os que geram gastos por causa do próprio caráter fraco, os incorrigíveis. Estão, portanto, na mira da medicalização, da repulsa e do ostracismo social (CÉSAR, 2009).

### **Considerações e possibilidades**

Nos dias atuais o corpo já não é mais entendido apenas como uma “materialidade orgânica e fisiológica”, mas “como um conjunto de práticas e saberes que o produziram em recortes específicos do tempo e espaço”. Desse modo, “os novos regimes de verdade que produzem o corpo contemporâneo são oriundos de uma multiplicidade de fontes discursivas, marcadamente originárias do discurso médico e seus derivados.” (CÉSAR, 2009, p. 269). Esses regimes de verdade, amparados nas lógicas biopolíticas, têm corroborado com a gordofobia ao patologizar o corpo gordo. Com efeito, o controle do tamanho do corpo não se restringe a essa população mas se amplia à população geral.

Entendemos, diante disso, a necessidade de abordar esse tema em um panorama mais complexo: “O verdadeiro problema é uma cultura que usa o peso como indício de humanidade e moralidade [...]” (TOVAR, 2018, n.p.). Por isso, é importante evidenciar a conotação patologizante que alguns termos utilizados no vocabulário médico carregam, como a palavra “obesidade” ou “obeso”, que “são apresentados como neutros pela literatura biomédica”, mas constituem-se como “problemáticos e enviesados, pois transformam uma quantidade de gordura corporal ou um tamanho de corpo em uma doença – o que, em si, não pode ser considerado neutralidade” (GAMA; AZIZE, 2019, p. 5).

Portanto, o movimento gordo, aos moldes dos estudos *queer*, tenta ressignificar a palavra gordo, para que ao invés de ser utilizada com viés ofensivo, aponte a potencialidade dos corpos fora da norma. Se as palavras estão contaminadas pela intolerância, se opera uma ressignificação, entendendo que “[...] os corpos gordos têm se constituído cada vez mais como espaço político de luta, a exemplo dos questionamentos que fazem sobre nossos desejos que, no limite, nada têm de nossos e em muito apenas se adequam à essa propagação contínua do biopoder” (MAÇÃO, 2016a, p. 124).

Os estigmas sociais sobre o corpo gordo se refletem em muitas áreas, como na linguagem que desumaniza pessoas gordas e na cultura da dieta, que tem tomado os espaços de ensino e produzido alunos adoecidos. Uma possibilidade diante disso é a educação apostar no que subverte a lógica, naquilo que cria uma porta de escape. A *fat art*, por exemplo, é um movimento artístico que questiona o *status quo* e as narrativas predominantes sobre as pessoas gordas. Os trabalhos de Júlia Almeida de Mello (2015) e Sara Moreira (2018) exploram as contribuições da artista Fernanda Magalhães, cuja produção artística se dá em busca de experimentar o corpo gordo pelo olhar de contestação e não da conformidade com o sistema. Também há caminhos para trabalhar a gordofobia pela literatura: Roxane Gay (2017), por exemplo, é uma autora que vem na contramão do mercado e rompe com o discurso vazio de auto aceitação, trazendo uma narrativa que escancara o estigma social da gordura, colocando em evidência as questões urgentes que atingem as pessoas gordas:

Quando você está acima do peso, seu corpo se transforma num registro público, em muitos sentidos. Seu corpo está em constante exposição. As pessoas projetam narrativas presumidas em seu corpo e não estão nem um pouco interessadas na verdade dele, qualquer que seja essa verdade.

Gordura, de forma bem semelhante à cor da pele, é algo que você não pode esconder, por mais escura que seja a roupa que você vista ou quanto você evite listras horizontais. Você pode tentar ficar invisível. Você pode aprender a ser a graça da festa, para que as pessoas estejam tão ocupadas em rir de você, ou com você, que nem notem o óbvio, que nem se concentrem nele. Você pode fazer o que tiver de fazer para sobreviver a um mundo que tem pouca paciência ou compaixão por um corpo como o seu.

Independentemente do que você fizer, seu corpo está sujeito ao discurso público de família, amigos e estranhos também. Seu corpo está sujeito a comentários quando você ganha peso, perde peso ou mantém seu peso inaceitável. As pessoas são velozes em lhe oferecer estatísticas e informações sobre os perigos da obesidade, como se você não fosse apenas gorda, mas também incrivelmente imbecil, desatenta e iludida quanto à vigorosa falta de hospitalidade daquele corpo. Esse comentário costuma ser camuflado como preocupação, como pessoas que só têm as melhores intenções, de coração. Elas se esquecem que você é uma pessoa. Você é seu corpo, nada além disso, e é bom que seu corpo seja menos (GAY, 2017, p. 105).

As discussões iniciadas nesse texto precisam de muito aprofundamento e os estudos sobre o corpo gordo são um campo fértil de possibilidades para pesquisas. Nosso objetivo aqui foi apenas enfatizar que o controle do corpo é um controle sobre a vida. Mas há sempre possibilidades de mudança. Por isso, apostamos que a luta gorda é potente porque esses corpos ensinam diferentes modos de se relacionar com o corpo, mais distantes das imposições capitalistas, e assim afirmam possibilidades permeadas de potência de vida.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE-JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de teoria da história. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 2007.
- BEZERRA JUNIOR, Benilton. O normal e o patológico: uma discussão atual. In: SOUZA, Alice Navarro de; PITANGUY, Jacqueline (org.). **Saúde, corpo e sociedade.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006, p. 91-109.
- CAMOZZATO, Viviane Castro. O corpo nas atualizações do racismo contemporâneo. **Educar em Revista**, Curitiba, Editora UFPR, n. 41, jul./set. 2011.
- CÉSAR, Maria Rita de Assis. (Des)educando corpos: volumes, comidas, desejos e a nova pedagogia alimentar. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Para uma vida não fascista.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- DRINKWATER, Kelli Jean. **Enough with the fear of fat.** [Sidney, Austrália]: TED: 2016. 1 vídeo (12 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bzLYyhh3X0w&t=182s> Acesso em: 15 set. 2019.
- FABELLO, Melissa A. 5 Reasons Why Everything You Think You Know About Obesity Is Wrong (Or At Least Really Shady). **Everyday Feminism Magazine**, [online], 18 maio 2015. Disponível em: <https://everydayfeminism.com/2015/05/gtfo-with-obesity-epidemic/>. Acesso em: 16 set. 2019.
- FISCHLER, Claude. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais.** 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- FOUCAULT, Michel. Direito de morte e poder sobre a vida. In: **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FRUETT, Anelise; ZAGO, Luis Felipe. Onde estão os corpos gordos da tevê? Uma análise sobre violência e ódio no telejornalismo. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 7; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 4., 2017, Canoas, RS. **Anais [...].** Canoas: PPGEDU, 2017. Disponível em: [http://www.2017.sbece.com.br/resources/anais/7/1495479214\\_ARQUIVO\\_Artigo-Fruett-Zago.docx.pdf](http://www.2017.sbece.com.br/resources/anais/7/1495479214_ARQUIVO_Artigo-Fruett-Zago.docx.pdf). Acesso em: 10 set. 2019.
- GAMA, Beatriz Klimeck Gouvêa; AZIZE, Rogerio Lopes. 'Fat studies' e a produção de conhecimento situado: Notas sobre o sexto Congresso Internacional de Estigma do Peso. Rio de Janeiro. **Enfoques**, Rio de Janeiro, Edição Especial XIX Jornada Discente do PPGSA/UFRJ, pp. 1-9, 2019.
- GAY, Roxane. **Fome: uma autobiografia do meu corpo.** São Paulo: Globo, 2017.
- GOMES, Carol. Gordofobia médica: como o preconceito na saúde afeta pessoas gordas. **Revista Claudia**, [online], 24 jan. 2019. Disponível em:

<https://claudia.abril.com.br/saude/gordofobia-medica-como-o-preconceito-na-saude-afeta-pacientes-gordas/>. Acesso em: 31 ago. 2019.

GUAITA, Nicole Roessle. **Apontamentos sobre uma pedagogia corporal**: a obesidade e o novo higienismo na escola. 2009. 97 p. Orientadora: CÉSAR, Maria Rita de Assis. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2009.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro, Rosa dos tempos, 2018.

LIRA, Camila de. Gordura é doença? **Revista AzMina**, [online], 22 jan. 2019. Disponível em: <https://azmina.com.br/especiais/gordura-e-doenca/>. Acesso em: 31 ago. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, [online], v. 25, n. 2, p. 59-75, jul./dez. 2000.

MAÇÃO, Izabel R. Biopoder e biopotência: uma vida. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE,4; ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNERO, 2., 2016, Vitória. **Anais [...]**, Vitória, 2016b.

MAÇÃO, Izabel R. **Cartografias da vida**: Poder, resistência e biopolítica. (Foucault na toca dos ratos). 2016. 166 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016a.

MATTOS, Rafael da Silva. Sou gordo, sou anormal? **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, jul/dez, 2007.

MELLO, Júlia Almeida de. **O corpo gordo**: diálogos poéticos em Elisa Queiroz e Fernanda Magalhães. 2015. 167 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

MOREIRA, Sara. **Corpos que transbordam em palavras e foto(grafias)**. 2018. 112 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PALMA, Alexandre; ASSIS, Monique; VILAÇA, Murilo; ALMEIDA, Marcelo Nunes de. Os “pesos” de ser obeso: traços fascistas no ideário de saúde contemporâneo. **Arquivos em Movimento**, Porto Alegre, v.18, n.04, out./dez. 2012.

PELBART, Peter Pál. **Vida e morte em contexto de dominação biopolítica**. São Paulo: IEA, 2008.

RIGO, Luiz Carlos; SANTOLIN, Cezar Barbosa. O nascimento do discurso patologizante da obesidade. **Arquivos em Movimento**, Porto Alegre, vol.21, n.1, jan./mar. 2015.

RIGO, Luiz Carlos; SANTOLIN, Cezar Barbosa. Combate à obesidade: uma análise da legislação brasileira. **Arquivos em Movimento**, Porto Alegre, v.18, n.02, abr./jun. 2012.

SEIXAS, Cristiane Marques; BIRMAN, Joel. O peso do patológico: biopolítica e vida nua. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v.19, n.01, jan./mar. 2012.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.